



A ILHA *Jules Verne*
MISTERIOSA EDIÇÃO COMENTADA
E ILUSTRADA

CLASSICOS  ZAHAR

A ILHA *Jules Verne*
MISTERIOSA EDIÇÃO COMENTADA
E ILUSTRADA



CLÁSSICOS  ZAHAR

Jules Verne

A ILHA MISTERIOSA

EDIÇÃO COMENTADA E ILUSTRADA

Apresentação:
Rodrigo Lacerda

Tradução e notas:
André Telles



SUMÁRIO

Apresentação:

Por trás de um livro de aventura, RODRIGO LACERDA

A ILHA MISTERIOSA

PRIMEIRA PARTE

Os naufragos do ar

SEGUNDA PARTE

O degredado

TERCEIRA PARTE

O segredo da ilha

Pequeno glossário de termos náuticos

Cronologia: vida e obra de Jules Verne

APRESENTAÇÃO

Por trás de um livro de aventura

QUAIS OS ERROS E ACERTOS DA NOSSA CIVILIZAÇÃO? Como avaliar o grau de humanidade nos indivíduos da nossa espécie e o que, na essência, nos diferencia dos animais? Que atitude devemos ter com relação às forças superiores que colocam em risco os prodigiosos avanços do nosso modo de vida?

Os críticos mais pedantes diriam que indagações tão elevadas jamais poderiam se formar na cabeça do leitor a partir de um simples livro juvenil, ou de aventura. Mas são exatamente esses os temas de suprema importância existencial que Jules Verne discute em *A ilha misteriosa*. E, o que é melhor, faz isso sem sacrificar uma gota de seu talento para narrativas cheias de ação e emoção.

Nascido em 1828, em Nantes, cidade portuária na região francesa da Bretanha, Jules Verne ainda muito jovem foi marcado pela leitura de dois romances: um que já era clássico em sua época, *Robinson Crusóé* (1719), do escritor inglês Daniel Defoe, e outro então mais recente porém de grande sucesso, *Os Robinsons suíços*, do pastor suíço Johann David Wyss. Em ambos, os personagens naufragam em terras isoladas e desertas, tendo de reconstruir a civilização a partir do nada. Tamanho foi o impacto dessas obras no imaginário do Ocidente, e portanto na literatura, que a partir delas constituiu-se um mito característico da nossa civilização, essa fantasia do recomeço a partir do zero — do qual, por sua vez, derivou um gênero literário à parte, as “robinsonadas”, classificação usada sempre que essa essência de história reaparece. Mais do que uma fonte de exotismo e pitoresco, a robinsonada é um mito estruturante, cujo fio condutor é uma viagem sim, mas extraordinária, pois é uma viagem e, ao mesmo tempo,

algo que ultrapassa um mero deslocamento no espaço. Seus heróis solitários, confrontados com a natureza e consigo mesmos, reencontram um sentido para a vida e descobrem sua verdade profunda.

Jules Verne, antes de se profissionalizar como escritor, teria de enfrentar a pressão do pai para que seguisse a carreira de advogado. Sentiu-se de tal forma arrebatado por esses dois livros que explicou assim sua obstinação: “Os Robinsons foram os livros da minha infância e deles guardei uma lembrança indelével. Minhas frequentes releituras só a deixaram mais forte e, na verdade, não pude jamais encontrar depois, em autores modernos, o impacto que senti na primeira idade. Sem dúvida meu gosto por esse gênero de aventuras me pôs instintivamente no caminho que eu deveria seguir um dia.”

Aos poucos Jules Verne foi se encontrando como escritor e finalmente estabeleceu a parceria que iria mudar sua vida, com o editor Pierre-Jules Hetzel (1814-86), que participaria ativamente da elaboração e desenvolvimento de quase todos os seus livros. O primeiro trabalho que fizeram juntos foi o conhecido *Cinco semanas em um balão* (1863). Logo em seguida, em março de 1864, Hetzel lançava o primeiro número do *Magasin d'Éducation et de Recréation*, revista metade didática, metade paradidática. Nessa última metade, numa seção intitulada “Viagens Extraordinárias”, os romances de Verne seriam ininterruptamente publicados até 1886, ano da morte do editor. Primeiro na revista, em folhetim, e depois em volumes independentes, tais aventuras o transformariam no clássico que é hoje e imortalizariam sua parceria com Hetzel.

Logo após a publicação do célebre *20 mil léguas submarinas* (1868-69), surgiu a ideia de fazerem uma robinsonada. Diz Verne: “Sonho com um Robinson magnífico, é absolutamente indispensável fazê-lo, é mais forte que eu.” Mas ele não se referia a uma robinsonada qualquer, expressando o desejo de fazer “um Robinson moderno, diferente de tudo o que já foi feito”.

É fácil constatar o apreço de Jules Verne e seu editor pelas robinsonadas. Antes mesmo de juntarem forças para produzir *A ilha misteriosa*, Hetzel havia escrito e publicado em sua revista, em 1864 e numa parceria com Eugène Muller, certa versão modernizada “revista, corrigida e atualizada cientificamente” da história dos Robinsons. Muitos anos mais tarde, Jules Verne retomaria o tema, escrevendo mais três robinsonadas típicas: *A escola dos Robinsons* (1882), *Dois anos de férias* (1888) e *A segunda pátria* (1900).

O primeiro fruto dessa ideia, *Tio Robinson*, de 1870, foi no entanto rejeitado pelo editor, para quem Verne não explorara suficientemente as possibilidades abertas pelo novo tipo de personagem. O romance ficaria na gaveta até sua publicação póstuma em 1991. Foi trabalhando para superar essa decepção inicial que Verne escreveu *A ilha misteriosa*, publicado na revista de Hetzel alguns anos depois, entre 1º de janeiro de 1874 e 15 de dezembro de 1875.

Recuperando a civilização

A ilha misteriosa parte da seguinte situação: na época da Guerra Civil Americana, cinco personagens vão parar numa ilha deserta. Até aí, nada difere das robinsonadas já existentes. A primeira modernização no enredo básico nesse caso é que os personagens não são exatamente náufragos, sobreviventes do afundamento de algum navio, mas sim “Náufragos do ar”, título da primeira parte do romance, pois chegam à ilha num balão desgovernado e rasgado por um furacão. Verne, aliás, sobrevoou a cidade de Amiens no balão *Meteoro*, no ano de 1873, ou seja, exatamente durante a composição de *A ilha misteriosa*.

No romance, a cena da queda propriamente dita, que abre a narrativa, possui grande força simbólica. Tentando recuperar altitude e salvar-se, os personagens vão aos poucos despojando-se de todos os “pesos” da civilização que deixarão de integrar assim que baterem no chão: sacos de areia, instrumentos, armas, munições, dinheiro e objetos pessoais. É um despojamento absoluto, que dá não só a dimensão dramática da história, como também a dimensão moral.

Dentro do balão estão os cinco personagens que irão compor uma alegoria reduzida da humanidade. São eles: Gedeon Spillet, um jornalista; Nab, o empregado negro; Bonadventure Pencroff, um marinheiro; Harbert Brown, o filho adotivo adolescente de Pencroff e, por fim, o engenheiro Cyrus Smith. Como se vê, um grupo de múltiplos talentos.

Dentre eles, destaca-se Cyrus Smith. O maior protagonista desta nova aventura não é o marujo, o simples viajante ou as crianças, e sim um engenheiro, personagem moderno por excelência, dotado de saberes técnicos e científicos inéditos em seus antecessores no gênero. Embora seja um verdadeiro “homem-biblioteca”, especialista em tudo — física, química, astronomia, ciências naturais etc. —, não se trata de um desses sábios estimáveis pelo saber porém tornados ridículos por sua inadaptação à vida

prática. Sua profissão de engenheiro faz dele um homem dinâmico e moderno, com todas as credenciais para liderar o grupo de náufragos. Graças a ele e a seus múltiplos conhecimentos, os colonos da ilha diferem de seus antecessores literários, pois, vendo-se tão ou mais desguarnecidos e próximos da selvageria original quanto eles, terminam por revelar-se mais bem preparados e aptos a reencontrar o nível de civilização que perderam.

Uma vez na ilha, o pequeno núcleo de colonos irá, em poucos e acelerados anos, refazer toda a longa trajetória da civilização, da pré-história aos tempos modernos, do domínio do fogo à fabricação de nitroglicerina, dos primeiros artefatos à pilha elétrica, da cerâmica rudimentar à instalação de um elevador e de um telégrafo, sem deixar de passar pelo advento da agricultura e da pecuária. A primeira parte do romance tem, portanto, esse caráter de epopeia, típico das robinsonadas, agora marcado pela técnica criadora.

Tal reapropriação do mundo físico, tornada possível apenas pelo arsenal de conhecimentos científicos de Cyrus, encaixava-se maravilhosamente bem no espírito paradidático da seção “Viagens Extraordinárias”. Ao conciliar de forma tão orgânica o conteúdo científico à história em vias de ser narrada, Jules Verne evita o incômodo que tais digressões provocam em outros livros, quando o avanço da narrativa, o lado “recreativo” da publicação, parece estar sendo interrompido, ou pelo menos atrasado, pelo material paradidático que desejava passar para seus jovens leitores, o lado “educativo” da seção.

A escala da humanidade

Como vimos, nosso grupo de colonos possui virtudes múltiplas e complementares. O engenheiro Cyrus Smith é grave, sério e reflexivo; Spillet, o cronista da aventura, é homem de ação, caçador, dotado de conhecimentos de medicina e grande destreza; Pencroff, o marujo, é ingênuo, emotivo, espontâneo, grande trabalhador e um espírito essencialmente prático; Nab, o serviçal negro de Cyrus, leva ao extremo a virtude da fidelidade e admira o patrão com uma humildade comovente; e Harbert é uma versão juvenil de Cyrus Smith, vivendo ao longo do livro uma intensa experiência de passagem para a vida adulta.

É evidente que a pequena colônia se aproxima da sociedade real na medida em que conserva suas divisões, desigualdades sociais, raciais e relações de dominação: chefe e subordinado (Cyrus e os outros), patrão e serviçal (Cyrus e Nab), professor e discípulo (Cyrus e Harbert), pai e filho (Pencroff e Harbert), trabalhador intelectual e braçal (Spillet e Pencroff). Vemos aí os germes do que, num registro estritamente realista, decerto geraria graves conflitos internos.

É comum se utilizar o artifício de uma viagem a um país fantástico para apresentar a imagem de sociedades ideais ou criticar indiretamente a sociedade contemporânea do escritor, e Jules Verne era, sabidamente, um grande crítico do cientificismo de sua época, que colocava o avanço técnico e do capital acima de todo humanismo. Sua crítica social, no entanto, não é feita pela construção de uma distopia, mas sim mediante a construção de uma sociedade em que o progresso técnico e material não resulta na desagregação do espírito coletivo. Embora o engenheiro seja o seu chefe natural, o grupo só é bem-sucedido em seu esforço civilizatório porque o mix de qualidades de seus integrantes, ao mesmo tempo em que lhe dá força — a energia no trabalho, a constância e a perseverança —, lhe permite também permanecer unido — fidelidade, solidariedade, fraternidade. Esse

microcosmo hierarquizado escapa da crise, pois sublima-a imediatamente em espírito comunitário, transformando-se em uma célula harmoniosa, unida por laços de amizade e respeito mútuo, que possui os mesmos valores e persegue os mesmos objetivos.

O caráter utópico dessa concepção é visível. O que ela supõe é o ideal de uma transparência entre os seres, um primado do moral sobre o social, do coração sobre a razão, da amizade sobre o interesse, o triunfo da abertura para com o outro sobre todas as formas de violência e egoísmo. O livro propõe assim uma humanidade regenerada via um retorno provisório às origens e a reconstrução, sobre novas bases, de um lugar novo, uma nova civilização. Ao mesmo tempo em que parecida com a civilização perdida, diferente, e sem dúvida melhor. O último de todos esses benefícios é o estabelecimento de novas relações, mais respeitadas, mais felizes, com a natureza.

É da coesão do grupo que nasce sua força, e o herói da aventura é a reunião de individualidades, concebida como motor único da ação. Mas ela não está apenas encarregada de produzir a energia do romance, pois acrescenta a essa função dramática outra, de tipo moral. Os personagens, unidos pelos laços ideais de amizade e solidariedade, fortalecidos pelos desafios vencidos em conjunto e o trabalho perseverante, alcançam coletivamente uma entidade superior da qual a pequena colônia se torna a representação simbólica e a metonímia: a humanidade.

É exatamente esse espírito comunitário que a segunda parte do livro irá, sob certo ângulo, colocar em xeque. Ela tem por título “O degredado” — o que não deixa de ser um pouco estranho, considerando-se que o personagem a que tal título faz referência surge apenas no capítulo 14 e desaparece novamente até o início da terceira parte. De fato, a segunda parte mostra, em grande medida, a culminância da epopeia civilizatória iniciada na primeira, quando todas as necessidades materiais da colônia estão satisfeitas. É então que os colonos encontram numa ilha vizinha o degredado Ayrton, elemento surpresa que permite ao romance tratar em outro nível o drama essencial de toda robinsonada: em que consiste a

essência da humanidade e quais são seus limites? Quais são seus direitos e deveres com relação às exigências da vida em sociedade e à própria ideia de comunidade?

Ayrton já havia aparecido em outro romance de Verne, *Os filhos do capitão Grant* (1866-68). Na Austrália, chefiara um bando de condenados fugitivos e, posteriormente, fora preso e degredado na ilha Tabor. Lá, durante doze anos, não tivera qualquer contato com outros humanos e regredira ao mais completo estado de selvageria, tornando-se um caso exemplar de desumanização. É nesse ponto de sua vida que ele reaparece em *A ilha misteriosa*. Seu passado criminal e posterior isolamento impõem duas perguntas à comunidade ideal: um criminoso vocacionado pode se regenerar? Um ser regredido ao estado selvagem pode reencontrar sua humanidade?

No momento em que deparam com Ayrton, ele não passa de um louco, vivendo nas árvores, alimentando-se de carne crua. O ser decaído, a criatura miserável, embora à primeira vista destituído de toda a sua humanidade, logo irá recuperar uma razão que acreditava ter perdido, mas que estava apenas momentaneamente sufocada.

O escritor contrapõe o personagem de Ayrton a outro igualmente surgido durante o tempo de isolamento na ilha: o orangotango Jup. Este é o segundo personagem vindo de outro romance, no caso da robinsonada que o editor havia rejeitado, *Tio Robinson*. Nesta reaparição, Jup, uma vez treinado, serve de empregado zeloso à pequena colônia e, em perfeita imitação, copia todos os comportamentos humanos: ajuda na cozinha, serve a mesa, fuma cachimbo, dorme num leito, bem como demonstra sinais de inteligência que levam Pencroff a se perguntar se aquele macaco não seria “talvez um homem”. Existe, portanto, uma escala de humanidade, em cujo topo se encontram o grupo e seus integrantes, ao passo que Ayrton e Jup são meros candidatos.

Um obstáculo intransponível inviabiliza a ascensão do macaco: falta a Jup a linguagem, algo que define a humanidade. Ele é uma caricatura de homem, não uma promessa. Jup situa-se abaixo do limite inferior que

separa o homem da besta selvagem. E, nesse aspecto, Ayrton é diferente. Ele dispõe do instrumento indispensável para reaver sua razão, até então apenas sufocada, e se integrar ao grupo. A conclusão tranquilizadora e otimista do romance é que a humanidade de um ser humano não se perde, sendo sempre passível de recuperação, desde que alimentada, mantida viva pelo contato com outros homens.

Os dois primeiros mistérios da ilha

Outra linha divisória para a humanidade, muito cara a narradores de mão cheia como Jules Verne, diz respeito a segredos revelados ao fim de uma história: há quem goste, ou não se importe, de saber antecipadamente o que irá acontecer numa narrativa antes de lê-la, e há quem se enfureça com *spoilers* e revelações precoces que roubam o prazer da leitura. Àqueles que pertencem ao segundo grupo, recomenda-se que larguem imediatamente esta apresentação e passem direto para a leitura do romance, deixando a análise dos mistérios da ilha para depois. Pois, para uma interpretação completa dos elementos que compõem o livro, é indispensável mencionar agora quais segredos a ilha Lincoln esconde dos colonos.

A terceira parte do romance, intitulada “O segredo da ilha”, permite alcançar o terceiro nível, concernente ao lugar do homem no mundo. *A ilha misteriosa*, que começa pela dimensão física e continua pela dimensão moral, termina numa discussão metafísica, perfazendo assim todas as etapas do conhecimento humano: do concreto ao abstrato, do visível ao oculto, do natural ao sobrenatural. Isso porque, desde seus primeiros esforços para dominar a natureza selvagem, os colonos recebem ajudas misteriosas, inimagináveis numa ilha a princípio deserta, e que jogam novas luzes sobre a antiga fábula das robinsonadas.

Em geral, assim que um naufrago chega a seus novos domínios, ele é obrigado a lutar contra as forças naturais: animais ferozes, clima hostil, tribos selvagens. Nesse tipo de combate simples, não há zonas obscuras. No caso da *Ilha*, a situação é mais complexa. A luta pela sobrevivência, primordial como em todas as robinsonadas, é acrescida de uma inquietude nova, ligada aos pressentimentos e depois à certeza de uma entidade oculta na ilha, cujos sinais, mais evidentes a cada dia, impõem-se pouco a pouco. Um deles, por exemplo, é o pedido de socorro de Ayrton, encontrado pelos colonos numa garrafa, que (depois ficamos sabendo) não foi o degredado

quem lançou ao mar. A reconquista do Éden perdido é acompanhada, nessa terceira parte, de uma mudança na perspectiva filosófica do romance. Após duas partes dominadas, pelo menos na aparência, pela ideologia positivista e cientificista de Cyrus, em seguida pelo ponto de vista moral e social, vemos na terceira parte um retorno ao pensamento de tipo religioso e mesmo mágico. A entidade invisível irá assombrar os habitantes da colônia, constituindo para Verne o elemento dramático do *crescendo* que ele se esforçou em oferecer ao público. Sua introdução mais explícita no romance é preparada pela recapitulação de uma série de “incidentes sobrenaturais”. Vigora na ilha uma influência benéfica e mesmo necessária à pequena colônia. Mas seu agente permanece estranho e ambíguo, pois recusa-se a se revelar. Tendo se iniciado como uma robinsonada clássica, *A ilha misteriosa* se transforma numa investigação sobre os traços desse ser misterioso. Para o engenheiro e os colonos, seu poder representa o triunfo da fé sobre a razão, o questionamento de toda técnica, de toda observação científica. É a revelação progressiva dessa presença sub-reptícia, superposta à robinsonada propriamente dita, que dá ao livro grande parte de sua força dramática e de sua novidade.

Cyrus Smith e seus companheiros vivem uma inquietude progressiva, na expectativa de novas manifestações misteriosas. Nos momentos difíceis, irão mesmo desejar a intervenção da força desconhecida. Assim instala-se entre aqueles seres “corajosos e inteligentes”, conduzidos por um homem da técnica e da ciência positiva, uma espécie de consentimento do milagre. Essa tensão dramática forte imprime ao livro uma dinâmica singular e, dizem, foi a fonte de inspiração do recente seriado de TV *Lost*, no qual os sobreviventes da queda de um avião também pressentem e são tocados por uma presença encoberta.

Quando finalmente o primeiro mistério da ilha se revela, e se desfaz o véu sobrenatural, vemos que, desde o início, os fatos inexplicáveis que incidiam sobre o grupo de colonos eram de autoria do terceiro personagem recuperado de um romance anterior — o capitão Nemo, protagonista do clássico *20 mil léguas submarinas* (esse traço literário curioso, de trazer

novamente à cena personagens já utilizados em outras histórias, lembra outro escritor francês do século XIX, Honoré de Balzac, que usa e abusa do recurso em sua fabulosa *Comédia humana*).

Ao que parece, ao concluir *20 mil léguas*, Verne já pretendia retomar o personagem, pois o romance termina deixando em aberto a origem e as motivações do capitão. Chega-se ao fim da leitura sem saber quem era, o que o levava a atacar navios com seu poderoso submarino e, acima de tudo, se sobreviveu às suas aventuras e desventuras, disposto a prosseguir com sua terrível vingança, ou se havia sucumbido ao próprio destino, sepultado juntamente com o *Náutilus* sob a massa rochosa que desabara sobre eles. A terceira parte de *A ilha misteriosa* responde a todas essas perguntas.

De início, como vimos, Nemo ocupa um lugar privilegiado na escala de humanidade do romance. Seu registro é o do sobre-humano, e ele desempenha o papel da Providência, parecendo, aos olhos dos personagens mais crédulos — Nab e Pencroff —, uma espécie de gênio da ilha, ser invisível e todo-poderoso. No sistema de personagens do romance, Nemo é o oposto exato de Jup: sobre-humanidade contra sub-humanidade. Mas quando enfim é encontrado, vemos que é, por sua vez, essencialmente humano, tragicamente humano.

Desconstruída a dimensão metafísica, a queda é inevitável. Nemo não é mais o prepotente senhor do *Náutilus*. O submarino, colhido por uma avalanche na entrada da gruta marinha que lhe servia de refúgio, está imobilizado e reduzido a um palácio flutuante. A vingança de Nemo expulsou da humanidade o capitão, e assim também ele vive isolado na ilha. Privado de seu instrumento de potência, não é mais o “arcanjo do ódio”, envolvido em vinganças assassinas, mas um benfeitor distante e abstrato. A chegada dos baloeiros à ilha propicia a ocasião de seu retorno à convivência dos homens, pelos quais irá recuperar sua simpatia e a quem irá ajudar secretamente, acompanhando-os e incentivando-os em seu triunfo sobre o meio hostil. É o exemplo dos colonos, o espetáculo de sua energia, honestidade e solidariedade, que desperta o interesse de Nemo por seus

esforços e reaviva sua esperança na humanidade. Nemo vive ávido de perdão e redenção.

Há quem discuta o quão verossímil é essa conversão do facínora perverso que vimos em *20 mil léguas*. Mas fazê-lo significa menosprezar a capacidade de reumanização do ser humano, uma vez posto em contato com uma comunidade receptiva, íntegra e unida, um dos temas principais do romance, como já vimos no caso de Ayrton, e a crença pessoal de Jules Verne. Além disso, fora o editor Hetzel quem, durante a composição de *20 mil léguas*, obrigara o escritor a eliminar as informações biográficas do capitão, que na essência eram as mesmas.

Em *A ilha misteriosa* a companhia dos homens só é integralmente devolvida ao capitão quando já é tarde demais. A iniciação dos personagens não poderia se completar senão através de uma decepção. O ser que eles julgavam sobrenatural aparece moribundo. Dupla decepção, que arruína de um só golpe todo o edifício da crença. Nemo, por sua vez, só ao morrer compreende seu erro trágico: “Morro por ter acreditado que era possível viver sozinho.”

Essa é a resposta que Verne dá à questão fundamental de toda robinsonada: a solidão conduz à desumanização. O homem não pode ser homem senão no grupo, comunicando-se através da linguagem, e toda ruptura com o grupo, forçada ou escolhida, acabará mal. Integrar o modelo de sociedade que Nemo rejeitou, e que o próprio Verne, crítico dos rumos da humanidade em sua época, também não via com bons olhos, não é atender apenas a necessidades físicas, pois estas Nemo até conseguiu driblar pela vida afora, mas constitui um dever moral.

O último mistério da ilha

O crítico francês Jacques Noiray,^a ao escrever sobre *A ilha misteriosa*, muito acertadamente aponta que a identidade da presença invisível não é o único enigma da ilha. Tampouco o *background* do capitão Nemo resolve todos os problemas ainda em aberto.

A ilha misteriosa contém ainda seus próprios pontos obscuros. Situada no oceano Pacífico, com relevo e clima únicos, sua flora e fauna reúnem, num espaço restrito, animais e vegetais vindos de todo o hemisfério sul, condições jamais vistas no planeta. Além disso, na ilha, o tempo passa diferente. O leitor metódico, que cruzar as balizas cronológicas do romance, terá surpresas imensas, diante da superposição de datas e intervalos percorridos entre um fato e outro. De fato, a ilha está fora do tempo, assim como fora do espaço, esquecida pelos homens e pela história. Enquanto seus cinco colonos representam toda a humanidade, a ilha Lincoln, apesar do tamanho modesto, aparece como uma espécie de universo reduzido, relicário de um continente desaparecido, ou mesmo símbolo do planeta inteiro.

Acha-se, contudo, ameaçada de extinção pela cratera vulcânica que contém e, após a morte de Nemo, a erupção tem início. Tudo que os colonos construíram nela pode ser perdido. Numa espécie de visão profética das discussões ecológicas tão em pauta nos dias de hoje, Verne parece dizer que, no final, o segredo da ilha é a morte de tudo e a destruição. Se a ilha se situa numa outra dimensão espaço-tempo, e guarda em si mesma o germe de sua própria destruição, seu retorno à dimensão real, após a morte de Nemo, é uma fatalidade incontornável. Ela é destinada a acabar. Assim como nos outros dois mistérios, a solução é acompanhada pela experiência do fim. Agora, a natureza da ilha se apresenta integralmente, e o apocalipse é uma questão de tempo, pouco tempo. Os prodígios da ciência e do

trabalho, a prosperidade da civilização, estão destinados a perecer em alguns dias.

Com uma espécie de prazer sádico, o romancista não poupa os colonos do espetáculo de sua ruína: o incêndio do curral, a devastação da ilha inteira, a transformação do Éden verdejante em um deserto de pedras e lava, enfim, a destruição da fazenda e das instalações agrícolas. Cyrus e seus companheiros voltam a ser no fim o que eram no começo: náufragos destituídos de tudo. Sua última esperança repousava na construção de um navio, mas a ilha explode uma noite antes da entrada desse navio nas águas, e os personagens sobrevivem apenas graças ao último rasgo de generosidade de Nemo, que faz o círculo se fechar e a ordem do mundo ser restabelecida.

Sabe-se que o plano inicial de Verne era encerrar o romance logo após o salvamento dos colonos, mas, por interferência de Hetzel, prolongou a história e os conduziu até o momento em que fundam, já de volta aos Estados Unidos, uma colônia agrícola chamada Nova Lincoln. A catástrofe revela-se então não o fim da aventura, e sim a condição do recomeço. Todo Robinson, na verdade, é o homem não da conquista, mas da reconquista.

RODRIGO LACERDA

^a “Préface”, in *L’Île mystérieuse*. Paris, Gallimard, 2010. Ver também Aziza, Claude. “Préface”, in *L’Île mystérieuse*. Paris, Omnibus, 2010.

Rodrigo Lacerda é escritor, autor de *O fazedor de velhos* (Prêmio Literário da Biblioteca Nacional, Prêmio Jabuti, Prêmio FNLIJ) e *Hamlet ou Amleto?*, entre outros. Tradutor de autores como William Faulkner, Raymond Carver e Alexandre Dumas (Prêmio Jabuti de tradução por *O conde de Monte Cristo* e *Os três mosqueteiros*, ambas em parceria com André Telles), dirige a coleção Clássicos Zahar.



Frontispício da primeira edição, 1875

A ILHA MISTERIOSA

PRIMEIRA PARTE
Os naufragos do ar

I

O ciclone de 1865 • Gritos nos ares • Um balão viaja no
olho de um furacão • A lona rasgada • Nada, só mar •
Cinco passageiros • O que se passa no cesto • Terra à
vista • O desfecho do drama

— VOLTAMOS A SUBIR?

— Não! Ao contrário! Estamos descendo!

— Pior, sr. Cyrus! Estamos caindo!

— Não é possível! Jogue fora o que resta de lastro!

— Acabo de esvaziar o último saco!

— O balão subiu?

— Não!

— Ouço barulho de ondas!

— O mar está logo abaixo do cesto!

— Pelos meus cálculos, a menos de cento e cinquenta metros!

Então uma voz poderosa rasgou os ares para dizer:

— Livrem-se de tudo que tem peso...! Tudo! E entreguemo-nos a Deus!

Eram estas réplicas que retiniam no ar, por sobre o vasto deserto de água do Pacífico, em torno das quatro horas da tarde do dia 23 de março de 1865.

Decerto todos se lembram do terrível vendaval de nordeste deflagrado em pleno equinócio daquele ano, ocasião em que o barômetro caiu a setecentos e dez milímetros. O furacão, pois se tratava de um, estendeu-se de 18 a 26 de março, sem trégua. As devastações por ele produzidas, na América, na Europa e na Ásia, espraíram-se num raio de três mil quilômetros, o qual se desenhava obliquamente no equador desde o paralelo 35 norte até o paralelo 40 sul! Cidades arrasadas, florestas desenraizadas,

praias invadidas por trombas-d'água que se precipitavam como maremotos, navios encalhados, centenas segundo os registros do Bureau Véritas,¹ territórios inteiros nivelados por aguaceiros que pulverizavam tudo em sua passagem, milhares de pessoas dizimadas na terra ou engolidas pelo mar: foram estes os testemunhos de furor que o incomensurável furacão deixou após sua passagem. Em matéria de desastre, o cataclismo superava os que haviam destruído Havana e Guadalupe, a primeira em 25 de outubro de 1810, a segunda em 26 de julho de 1825.

Ora, justo no momento em que tantas catástrofes golpeavam terras e mares, um drama, não menos instigante, desenrolava-se nos ares conturbados.

Com efeito, um balão, carregado feito uma bolha na crista de um ciclone e absorvido pelo movimento giratório da coluna de ar, atravessava o espaço a uma velocidade de noventa milhas por hora,² girando sobre si mesmo, como se capturado por algum *maëlstrom*³ aéreo.

Abaixo do apêndice inferior desse balão, via-se um cesto desgovernado, contendo cinco passageiros, praticamente invisíveis em meio aos densos vapores misturados a água pulverizada que se propagavam até a superfície do oceano.

De onde vinha aquele aeróstato, verdadeiro joguete da monstruosa tempestade? De que ponto do mundo se lançara? Evidentemente não pudera partir durante o furacão. Ora, o furacão já durava cinco dias, seus primeiros sintomas tendo se manifestado no dia 18. Haveria motivos para crer que vinha de muito longe, uma vez que não poderia ter avançado mais de três mil e duzentos quilômetros por dia?

Uma coisa, entretanto, era certa: não dispunham de nada que pudesse ajudá-los a calcular a rota percorrida desde a partida, visto haverem perdido todo e qualquer ponto de referência. Carregados pela fúria da tempestade, não estava excluída a possibilidade de que não a sentissem, fato por certo curioso. Girando sobre si mesmos, avançavam sem nada perceber de tal rotação ou de seu deslocamento horizontal. A espessa camada de nuvens acumulada sob o cesto era uma cortina indevassável. Não se via nada. A

própria opacidade das nuvens era tão intensa que impedia saber se era dia ou noite. Enquanto haviam se mantido nas zonas elevadas, em meio à imensidão escura, nenhum reflexo luminoso, rumor de terras habitadas ou bramido do oceano chegara até eles. Só a descida vertiginosa dava-lhes a medida dos perigos que corriam acima das águas.

O balão, contudo, livre dos objetos pesados, como armas, munições e mantimentos, voltara a ascender às camadas superiores da atmosfera, alcançando mil e trezentos metros. Os passageiros, vendo abaixo o mar e julgando os perigos dos ares menos temíveis que os das águas, não haviam hesitado em lançar fora inclusive itens de primeira necessidade, dispostos a não desperdiçar mais um grama daquele gás, alma do artefato que os mantinha acima do abismo.

A noite transcorreu em meio a inquietudes que teriam sido mortíferas para almas menos enérgicas. Na madrugada, o furacão indicou uma tendência de moderação e, ao amanhecer daquele 24 de março, notaram-se alguns sinais de arrefecimento, com os vapores mais vesiculares subindo novamente para as camadas superiores. Em poucas horas, o ciclone se dissipou e arrebentou. A intempérie, do estado de furacão, passou ao de borrasca, isto é, a velocidade de translação das camadas atmosféricas caiu pela metade, gerando o que os marinheiros chamam de um “vento de três rizes”. O que não deixou de representar uma sensível melhora na convulsão dos elementos.

Por volta das onze horas, as camadas inferiores ganharam certa transparência. Da atmosfera, emanava aquela limpidez úmida que se dá a ver e sentir após a passagem das grandes intempéries. O furacão parecia não ter continuado sua carreira para oeste, e sim se dissolvido por si mesmo, propagando-se em ondas elétricas, como costuma acontecer com os tufões do oceano Índico.

Em compensação, por volta desse horário foi possível constatar que o balão voltava a descer, lentamente e num movimento contínuo. Parecia inclusive murchar aos poucos, a lona esgarçando-se ao se distender e passando da forma esférica à oval.

Ao meio-dia, o aeróstato deslocava-se a ínfimos seiscentos metros de altura acima do nível do mar. Graças à sua grande capacidade, mil e quatrocentos metros cúbicos, conseguira manter-se por um longo tempo no ar, ora atingindo grandes altitudes, ora deslocando-se horizontalmente.

Foi nessa conjuntura que os passageiros se desfizeram dos últimos objetos que sobrecarregavam o cesto, desde os poucos víveres que ainda restavam até os minúsculos utensílios que recheavam seus bolsos, enquanto um deles, subindo até o aro para onde convergiam as cordas da rede, tentava prender com firmeza o apêndice inferior do aeróstato.

Era patente que não conseguiam mais manter o balão nas zonas elevadas e que o gás acabara!

Estavam perdidos!

Com efeito, não era um continente, uma ilha que se estendia abaixo deles. O espaço não continha qualquer ponto de aterrissagem, sequer uma superfície sólida em que uma âncora enganchasse.

Era o oceano, imenso, varrido por ondas de inaudita violência! Era o oceano, sem limites visíveis, até mesmo para eles, que o dominavam das alturas e cujos olhares nesse momento abrangiam um raio de quarenta milhas! Era a planície líquida, espancada sem misericórdia, chicoteada pela borrasca, a qual eles decerto viam como um tropel de vagalhões em fúria, sobre os quais teria sido lançada uma vasta rede de cristas brancas! Nenhuma terra à vista, nenhum sinal de navio!

Era imperioso, portanto, deter o movimento descensional e impedir que o aeróstato fosse engolido pelas ondas. E, naturalmente, era a essa operação capital que se dedicava a tripulação. Contudo, apesar de tais esforços, o balão continuava a descer, ao mesmo tempo em que avançava vertiginosamente, seguindo a direção do vento, isto é, nordeste-sudoeste.

Situação terrível a daqueles desafortunados! Não sendo mais senhores do aeróstato, todas as suas tentativas revelavam-se infrutíferas. O balão murchava. O fluido escapava inelutavelmente. O ritmo da descida acelerava

a olhos vistos e, à uma da tarde, o cesto despencou para uma altitude de cento e oitenta metros acima do oceano.

Quanto ao escapamento do gás, que saía aos borbotões por um rasgo da lona, impossível vedá-lo.

Aliviando o cesto de todos os objetos que ele continha, os passageiros haviam conseguido prolongar sua navegação por algumas horas. Isso, no entanto, somente adia a catástrofe e, se alguma língua de terra não surgisse antes do anoitecer, pessoas, cesto e balão desapareceriam definitivamente nas águas.

Os passageiros do aeróstato, homens indubitavelmente enérgicos, que sabiam encarar a morte de frente, tentaram então executar a única manobra ainda possível. Nenhum murmúrio escapava de seus lábios, decididos que estavam a lutar até o último segundo, a fazer de tudo para retardar a queda fatal. O cesto não passava de uma caixa de vime, imprópria para boiar e, se porventura caíssem, não haveria como mantê-la à tona.

Às duas horas, o aeróstato encontrava-se apenas cento e vinte metros acima das águas.

Nesse momento, a voz soberana e inquebrantável de um dos homens arriscou uma pergunta. A ela, responderam vozes não menos enérgicas.

— Nos livramos de tudo?

— Não! Ainda temos dez mil francos em ouro!

Um saco pesado caiu imediatamente no mar.

— O balão subiu?

— Um pouco, mas não tardará a descer de novo!

— O que restou para jogar fora?

— Nada.

— Esperem...! O cesto!

— Agarremo-nos à rede! E sacrifiquemos o cesto ao mar!

Era, com efeito, o único e último meio de prolongar a vida do aeróstato. As cordas que o prendiam ao aro foram cortadas e o balão, após a queda do

cesto, subiu aproximadamente seiscentos metros.

Os cinco passageiros haviam se içado para a rede, acima do aro, e, agarrando-se à trama das malhas, contemplavam o abismo.

A sensibilidade estática de um aeróstato é um fato conhecido. Basta aliviá-lo de qualquer peso, por mais insignificante que este seja, para impulsioná-lo verticalmente. Flutuando nos ares, ele se comporta como uma balança de precisão matemática. Nada mais natural, portanto, que, aliviado de um peso relativamente significativo, ele seja como que catapultado. Foi o que aconteceu.

Contudo, após equilibrar-se por um instante nas zonas superiores, o balão começou a cair novamente. O gás escapava inelutavelmente pelo rasgo.

Os passageiros haviam esgotado seus expedientes. Nenhuma astúcia humana era capaz de salvá-los agora. Só lhes restava a ajuda divina.

Às quatro horas, o balão balançava a apenas cento e cinquenta metros da superfície das águas.

Um latido inteligente fez-se ouvir. Um cão acompanhava os passageiros e agarrava-se a seu dono nas malhas da rede.

— Top viu alguma coisa! — exclamou um dos passageiros.

Logo em seguida, uma voz imponente dava o alerta:

— Terra! Terra!

Desde o amanhecer, o balão, que o vento continuava a arrastar para sudoeste, percorrera uma distância considerável, que já perfazia centenas de quilômetros, e, de fato, uma nesga de terra montanhosa acabava de apontar naquela direção.

Para alcançá-la, contudo, cinquenta quilômetros a sotavento, precisavam, no mínimo, de uma hora, e isso com a condição de não desviarem da rota. Uma hora! O balão não se esvaziaria antes disso, perdendo todo o combustível que lhe restava?

Eis a terrível pergunta! Os passageiros já tinham diante dos olhos aquele ponto sólido, queurgia alcançar a todo custo. Ignoravam o que era, ilha ou continente, visto mal saberem para que confim do mundo o furacão os arrastara! Porém, habitado ou não, hospitaleiro ou não, era crucial aterrissarem!

Às quatro horas, o balão já não se sustinha mais no ar, roçando na superfície das águas. Como a crista das ondas gigantes já lambera diversas vezes a parte inferior da rede, tornando-a mais pesada, o aeróstato, qual um pássaro com um chumbo na asa, lutava desesperadamente para manter-se no ar.

Meia hora depois, com a extensão de terra a apenas dois quilômetros, o balão, esgotado, flácido, murcho, encarquilhado, não continha mais gás senão em sua parte superior. Agarrados à rede, os passageiros ainda constituíam um grande peso para ele e, dali a pouco, com água já na cintura, passaram a ser fustigados pelos vagalhões furiosos. O envelope de lona do aeróstato formou uma concha e, com o vento enfunando-a, o que restava do balão foi impelido qual um veleiro. Quem sabe assim não se abeirava da costa!

Ora, estava ele a menos de quatrocentos metros da areia quando, saídos simultaneamente de quatro peitos, ressoaram gritos terríveis. O balão, que parecia incapaz de voltar a subir, acabava de dar um pinote inesperado, após ser golpeado por uma verdadeira bofetada das águas. Como se de súbito aliviado de uma parte extra de seu peso, ascendeu então a uma altitude de quatrocentos e cinquenta metros, encontrando nesse patamar uma espécie de corrente de vento que, em vez de levá-lo direto à costa, impeliu-o numa direção quase paralela. Por fim, dois minutos mais tarde, aproximou-se obliquamente da areia da praia, na qual, fora do alcance das ondas, encalhou.

Ajudando-se uns aos outros, os passageiros conseguiram desvencilhar-se das malhas da rede. Livre do peso, o balão foi de novo capturado pelo vento, qual um pássaro ferido e momentaneamente reanimado, e desapareceu no espaço.

O cesto transportara cinco passageiros humanos, além do cão, e o balão lançara apenas quatro na praia.

Tudo indicava que o passageiro ausente fora carregado pelo vagalhão que acabava de golpear a rede, o que permitira ao aeróstato, mais leve, ganhar um sobrevoo e, instantes depois, alcançar a terra.

Tão logo os quatro naufragos — podemos chamá-los assim — pisaram o solo, pensando no companheiro ausente, exclamaram:

— Ele chegará a nado! Vamos salvá-lo!

1. Empresa francesa de consultoria marítima, fundada em 1828 e até hoje em atividade, que publica informações sobre segurança nos mares e oceanos.

2. Ou seja, 46m/s ou 166km/h (aproximadamente 42 léguas de 4 quilômetros). (Nota do autor)

3. Espécie de maremoto em forma de vórtice, fenômeno típico dos mares da Noruega, foi popularizado na literatura por Edgar Allan Poe, no conto “Uma descida ao Maëlstrom”, e pelo próprio Verne, em *20 mil léguas submarinas*.

2

Um episódio da guerra de Secessão • O engenheiro
Cyrus Smith • Gedeon Spilett • Nab • O marujo
Pencroff • O jovem Harbert • Uma proposta
inesperada • Encontro às dez da noite • Partida
durante a tempestade

NÃO ERAM NEM AERONAUTAS profissionais, nem aficcionados de expedições aéreas que o furacão acabava de lançar naquela costa, e sim prisioneiros de guerra, cuja audácia levava a evadirem-se em circunstâncias extraordinárias. Estiveram cem vezes à beira da morte! Por cem vezes seu balão rasgado esteve prestes a atirá-los no abismo! Os céus, contudo, reservavam-lhes um estranho destino e, no dia 20 de março, após fugirem de Richmond, sitiada pelas tropas do general Ulysses Grant,⁴ achavam-se a onze mil quilômetros da capital da Virgínia, principal praça-forte dos separatistas durante a terrível guerra de Secessão.⁵ Já fazia cinco dias que cruzavam os ares.

Eis, a propósito, as circunstâncias curiosas em que se dera a fuga dos prisioneiros — fuga que viria a resultar na catástrofe que descrevemos.

Em fevereiro desse mesmo ano de 1865, durante um dos malogrados ataques-relâmpago lançados pelo general Grant no intuito de apoderar-se de Richmond, diversos oficiais sob seu comando caíram em poder do inimigo e foram proibidos de deixar a cidade. O mais eminente desses prisioneiros de guerra integrava o estado-maior geral e chamava-se Cyrus Smith.

Nascido em Massachusetts, Smith era engenheiro, além de cientista de primeira linha, a quem o governo da União, durante a guerra, confiara a direção das ferrovias, de inquestionável valor estratégico. Autêntico ianque, magro, ossudo, longilíneo, na casa dos quarenta e cinco anos, já encanecia no cabelo, cortado rente, e na barba, da qual conservava apenas um basto bigode. Possuía uma bela cabeça “numismática”, pronta para ser cunhada

em medalha, olhos sanguíneos, a boca séria, o perfil de um cientista da escola pragmática. Iniciou a carreira de engenheiro batendo martelo e picareta, tal como um general inicia a sua como soldado raso. Portanto, além do conhecimento técnico, possuía uma habilidade manual fora do comum. Seus músculos exibiam notáveis sinais de tonicidade e, verdadeiro homem de ação e pensamento, agia sem esforço, impelido por ampla expansão vital, transparecendo em seus atos aquela pertinácia que desafia toda má sorte. Muito instruído, pragmático, “traquejado”, para empregar uma palavra do jargão militar, era um temperamento soberbo, pois, além de senhor de si em quaisquer circunstâncias, preenchia no mais alto grau estas três condições, cujo conjunto determina a energia humana: atividade mental e física, impetuosidade e força de vontade. E sua divisa poderia ser a de Guilherme de Orange⁶ no século XVII: “Não esperar para empreender, nem triunfar para perseverar.”

Cyrus Smith era igualmente a coragem em pessoa, tendo participado de todas as batalhas da guerra de Secessão. Começando, sob o comando de Ulysses Grant, nos voluntários de Illinois, batera-se em Paducah, Belmont, Pittsburg-Landing, no cerco de Corinth, em Port Gibson, Rio Negro, Chattanooga, Wilderness, no Potomac,⁷ em todas as circunstâncias, valentemente, como digno soldado do general que declarava: “Jamais contabilizo os meus mortos!” E, por diversas vezes, Cyrus Smith esteve por ingressar no efetivo daqueles que o terrível Grant não contabilizava, porém nessas escaramuças, em que ele não se poupava, a sorte vinha sempre o favorecendo, até o momento em que foi ferido e feito prisioneiro durante a batalha de Richmond.

Junto com Cyrus Smith, e no mesmo dia, outro personagem importante caía nas mãos dos sulistas. Este era ninguém menos que o ilustre Gedeon Spilett, “repórter” do *New York Herald*,⁸ enviado na condição de correspondente a fim de acompanhar as peripécias da guerra junto aos exércitos do Norte.



Ninguém menos que o ilustre Gedeon Spilett.

Gedeon Spilett pertencia à linhagem desses intrépidos cronistas ingleses ou americanos, Stanley⁹ e outros, a quem nada faz recuar se o que está em jogo é conseguir um furo e passá-lo à sua gazeta nos prazos mais exíguos. Os jornais da União, como o *New York Herald*, constituem verdadeiras potências, e seus delegados são representantes influentes. Gedeon Spilett distinguia-se na linha de frente desses delegados.

Homem de muitas virtudes, enérgico, dinâmico e disposto a tudo, fervilhante de ideias, tendo corrido o mundo inteiro, soldado e artista, eloquente no conselho, resoluto na ação, indiferente à lida, ao cansaço e ao perigo quando se tratava de investigar um fato, para ele primeiro e para o seu jornal depois, verdadeiro herói da curiosidade, da informação, do

inédito, do desconhecido e do impossível, Spilett era um desses intrépidos observadores que escrevem em meio ao tiroteio, “apuram” sob os obuses, e para quem todos os riscos são bem-vindos.

Participara igualmente, na linha de frente, de todas as batalhas, e, com o revólver em uma das mãos e o bloquinho na outra, o canhoneio não fazia seu lápis tremer. Não cansava os fios com telegramas inoportunos como alguns, que falam sem ter nada a dizer; cada notícia que passava, curta, precisa e clara, jogava luzes num aspecto importante. Aliás, humor era coisa que não lhe faltava. Foi Spilett que, após a batalha de Big Black River Bridge,¹⁰ querendo a todo custo garantir seu lugar no guichê do posto telegráfico a fim de comunicar ao jornal o resultado da refrega, telegrafou durante duas horas os primeiros capítulos da Bíblia. Isso custou dois mil dólares ao *New York Herald*, mas o jornal conseguiu dar o furo.

De alta estatura, Gedeon Spilett tinha no máximo quarenta anos. Suíças louras puxando para o ruivo emolduravam-lhe o rosto. O olhar era sereno, embora atento e rápido quando exigido. Olho de homem acostumado a captar num átimo todos os detalhes de um horizonte. Uma compleição sólida, forjada sob todos os climas qual uma barra de aço temperada na água fria.

Fazia dez anos que Gedeon Spilett era correspondente exclusivo do *New York Herald*, que ele enriquecia não só com reportagens, mas também com desenhos, pois manuseava o lápis tão bem como a pena. Quando caiu prisioneiro, trabalhava na descrição e no desenho de uma batalha. As últimas palavras registradas em seus apontamentos foram: “Um sulista me aponta a arma na cara e...” E o disparo errou o alvo, pois, obedecendo a um hábito incorrigível, Gedeon Spilett saiu do episódio sem um arranhão.

Cyrus Smith e Gedeon Spilett, que só se conheciam de nome, foram ambos transferidos para Richmond. O ferimento do engenheiro cicatrizou rapidamente e, durante a convalescença, ele e o repórter terminaram por se aproximar. Simpatizando e admirando-se mutuamente, os dois homens logo estabeleceram um objetivo comum: fugir, reintegrar o exército de Grant e voltar a combater em suas fileiras pela unidade federal.

Embora Richmond se encontrasse sob severa vigilância e uma fuga parecesse impossível, os dois americanos, que tinham autorização para circular pela cidade, estavam decididos a agarrar a primeira oportunidade. Nesse ínterim, o criado de Cyrus Smith, devotadíssimo ao patrão, foi ao seu encontro. Esse intrépido indivíduo era um preto nascido na propriedade do engenheiro, de pai e mãe escravos, mas que desde cedo Cyrus Smith, abolicionista de razão e coração, alforriara. O escravo, livre, não quis abandonar o patrão, amando-o a ponto de dar a vida por ele. Era um rapaz de trinta anos, forte, ágil, habilidoso, inteligente, doce e sossegado, às vezes ingênuo, sempre risonho, solícito e generoso. Chamava-se Nabucodonosor, mas só atendia pelo apelido sonoro e familiar de Nab.

Tão logo soube que o patrão caíra prisioneiro, Nab deixou Massachusetts e partiu para a região de Richmond, onde, usando de astúcia e habilidade e arriscando vinte vezes a vida, conseguiu penetrar na cidade sitiada. Impossível descrever a satisfação de Cyrus Smith ao rever o criado e a alegria de Nab ao reencontrar o patrão.

Contudo, se Nab conseguira penetrar em Richmond, sair era outra história, uma vez que os prisioneiros federais eram severamente vigiados. Seria preciso uma oportunidade extraordinária para ensejar uma evasão com certa chance de sucesso, e tal oportunidade não só não se apresentava, como parecia difícil engendrá-la. Enquanto isso, Grant prosseguia suas enérgicas operações militares. A vitória de Petersburg¹¹ custara-lhe imensos sacrifícios. Suas forças, reunidas às de Butler,¹² continuavam sem triunfar diante de Richmond, nada fazendo prever que a libertação dos prisioneiros estivesse próxima. O repórter, a quem o maçante cativo não fornecia nenhum novo detalhe interessante para apurar, não se aguentava mais e só tinha um pensamento: sair de Richmond a qualquer custo. Em mais de uma ocasião, aliás, chegara a tentar a façanha, sendo impedido por obstáculos intransponíveis.

Enquanto isso, o cerco prosseguia, e, se os prisioneiros ansiavam por escapar para juntarem-se ao exército de Grant, não deixava de haver alguns sitiados com a mesma intenção, embora sonhando juntarem-se ao exército

separatista, entre os quais um tal Jonathan Forster, sulista fanático. Afinal de contas, se os prisioneiros federais não podiam deixar a cidade, tampouco os federados, acossados pelo exército do Norte. Já fazia tempo que o governador de Richmond perdera o contato com o general Lee, sendo do mais alto interesse transmitir notícias da situação da cidade, a fim de apressar a marcha do exército auxiliar. Esse Jonathan Forster teve então a ideia de usar um balão para transpor as linhas sitiadas e, assim, alcançar as posições separatistas. O governador autorizou a tentativa. Um aeróstato foi fabricado e colocado à disposição de Forster, a quem cinco companheiros deveriam acompanhar nos ares. Levariam consigo armas, para o caso de terem de se defender ao aterrissarem, e mantimentos, para o caso de a viagem aérea prolongar-se.

A partida do balão estava marcada para a noite de 18 de março, e, contando com um vento noroeste de intensidade média, os aeronautas esperavam chegar em poucas horas ao quartel-general de Lee. Esse vento noroeste, contudo, não foi em absoluto um ventinho qualquer. Ao raiar do dia 18, já era possível constatar sua metamorfose em furacão. A tempestade chegou com tamanha intensidade que, ante a impossibilidade de arriscar o aeróstato e seus passageiros em meio à fúria dos elementos, a partida teve de ser adiada.

O balão, portanto, enfunado na grande praça de Richmond, achava-se preparado para partir à primeira estiagem, e, na cidade, a impaciência não fazia senão aumentar diante da inalterabilidade das condições atmosféricas.

Os dias 18 e 19 de março transcorreram sem que nenhuma mudança se produzisse na tormenta. Deitado pelas rajadas do vento, o balão parecia prestes a ser arrancado do solo. A noite de 19 para 20 passou, mas, ao amanhecer, o furacão ganhou força. Impossível partir.

Nesse dia, o engenheiro Cyrus Smith foi abordado em uma rua de Richmond por um desconhecido. Era um marujo a quem chamavam Pencroff, na faixa dos trinta e cinco, quarenta anos, forte, bronzeado, olhos inteligentes e que não paravam de piscar, boa-praça. Pois esse Pencroff era um ianque, que singrara todos os mares do globo e a quem, em matéria de

aventuras, acontecera tudo que de extraordinário pode acontecer a um bípede implume.¹³ Desnecessário dizer que era uma natureza dinâmica, atrevida, a quem nada impressionava. No começo do ano, Pencroff deslocara-se para Richmond por conta de negócios, na companhia de um rapazola de quinze anos, Harbert Brown, de Nova Jersey, filho de seu capitão, órfão que ele amava como se fosse um filho. Impedido de sair da cidade antes das primeiras operações do cerco, viu-se então, para seu grande desprazer, bloqueado, o que o levou a ruminar a mesma ideia: fugir a qualquer custo. Ciente da reputação do engenheiro Cyrus Smith, pressentia a impaciência com que aquele homem determinado mordida o freio. Nesse dia, portanto, não hesitou em abordá-lo, perguntando sem rodeios:

— Já não está cheio de Richmond, sr. Smith?

O engenheiro olhou fixamente para o homem que o interpelava daquela forma e este acrescentou em voz baixa:

— Quer fugir, sr. Smith?

— É para quando...? — respondeu ansiosamente o engenheiro, e podemos afirmar que tal resposta lhe escapou involuntariamente, visto que ele sequer examinara o desconhecido que lhe dirigia a palavra. No entanto, após avaliar, com um olho exigente, a fisionomia leal do marujo, não teve dúvida de que tinha diante de si um homem honesto.

— Com quem tenho a honra? — perguntou, laconicamente.

Pencroff apresentou-se.

— Muito bem — respondeu Cyrus Smith. — E como pretende fugir?

— Naquele balão ocioso que largaram na praça e parece estar justamente à nossa espera...!

O marujo não precisou terminar a frase. O engenheiro compreendera na segunda palavra. Agarrou Pencroff pelo braço e o arrastou até sua casa.

Lá chegando, o marujo expôs o seu plano, muito simples na verdade. O máximo que arriscariam, caso viessem a executá-lo, eram suas vidas. Verdade que o furacão alcançava seu grau máximo de violência, mas um

engenheiro esclarecido e audacioso como Cyrus Smith decerto saberia pilotar um aeróstato. Pencroff, se dominasse o mecanismo, não hesitaria em partir — com Harbert, entenda-se. Uma tempestade a mais ou a menos não faria diferença para quem já vencera um sem-número delas.

Sem emitir um som, porém com faíscas nos olhos, Cyrus Smith escutou o marujo. Se era uma oportunidade que ele pedia, lá estava ela, não iria desperdiçá-la. O fato de ser perigoso mostrava que o plano era exequível. À noite, a despeito da vigilância, poderiam aproximar-se do balão, esgueirar-se para dentro do cesto e cortar as amarras que o prendiam ao solo! Embora implicasse risco de vida, a iniciativa poderia dar certo e, não fosse aquela tempestade... Ora, sem a tempestade o balão já teria partido, e a oportunidade, tão almejada, não surgiria naquele momento.

— Não estou sozinho... — disse por fim Cyrus Smith.

— Quantas pessoas pretende levar? — indagou o marujo.

— Duas: meu amigo Spilett e meu criado Nab.

— Isso dá três — concluiu Pencroff —, e, com Harbert e eu, cinco. O balão tem capacidade para seis...

— Isso é suficiente. Partiremos! — decidiu Cyrus Smith.

A primeira pessoa do plural incluía o repórter, que não era homem de recuar e que, quando o plano lhe foi comunicado, aprovou-o sem reservas. O que o espantava era ideia tão simples não lhe ter ocorrido antes. Quanto a Nab, seguiria o patrão aonde este fosse.

— Então, até a noite — despediu-se Pencroff. — Fingiremos curiosidade e nos encontraremos os cinco na praça do balão!

— Até a noite, às dez — concordou Cyrus Smith —, e queiram os céus que a tempestade não dê trégua até a nossa partida!

Pencroff cumprimentou o engenheiro e retornou ao seu alojamento, onde se encontrava o jovem Harbert Brown. O corajoso adolescente conhecia o plano do marujo e não era sem certa ansiedade que aguardava o resultado da confabulação com o engenheiro. Como se vê, eram cinco homens determinados, dispostos a se atirar na tormenta, no olho de um furacão!

Não, o furacão não se acalmou, e não passava pela cabeça de Jonathan Forster nem de seus companheiros enfrentá-lo naquele frágil cesto! O dia foi terrível. O engenheiro só temia uma coisa: que o aeróstato, preso no solo e vergado pelo vento, se rasgasse em mil farrapos. Horas a fio, deambulou pela praça quase deserta, vigiando o aparelho. Pencroff, fazendo o mesmo de sua parte, com as mãos nos bolsos e disparando bocejos, fingia matar o tempo, igualmente receoso de que o balão viesse a se rasgar ou mesmo a ter as amarras rompidas e sumir nos ares.

A hora do crepúsculo chegou, trazendo consigo uma noite escuríssima. Uma névoa densa espalhava-se em forma de nuvens rente ao solo, caía uma mistura de chuva e neve. Fazia frio. O céu cinzento parecia achatar Richmond. Era como se a violenta tempestade houvesse instalado uma espécie cessar-fogo entre sitiantes e sitiados e o canhão se calado ante as ensurdecedoras detonações do furacão. As ruas da cidade se esvaziaram. A ninguém pareceu necessário, sob aquele tempo medonho, vigiar a praça em cujo centro debatia-se o aeróstato. Logo, todas as condições eram propícias à partida dos prisioneiros. Mas que viagem terrível os esperava, no olho da tormenta...

“Maré altamente desfavorável!” ruminava Pencroff, prendendo com um soco o chapéu, que o vento disputava com sua cabeça. “Paciência, conseguiremos assim mesmo!”

Às nove e meia, Cyrus Smith e seus companheiros vagavam pelos diversos lados da praça, que os bicos de gás, apagados pelo vento, deixavam numa escuridão profunda. Não se via sequer o imenso aeróstato, quase por inteiro deitado no solo. Além dos sacos de lastro que prendiam as cordas da rede, o cesto achava-se atracado por um cabo resistente que passava por uma argola cimentada no calçamento e prendia-se a outra a bordo.

Os cinco prisioneiros reuniram-se junto ao cesto. Não haviam sido detectados: a escuridão era tão profunda que não conseguiam enxergar uns aos outros.

Sem pronunciar uma palavra, Cyrus Smith, Gedeon Spilett, Nab e Harbert tomaram seus lugares no cesto, enquanto Pencroff, sob as ordens do engenheiro, ia desatando os sacos de lastro um a um. Isso foi coisa de instantes, e o marujo logo se juntou aos companheiros.

O único elemento que retinha o aeróstato passou então a ser o cabo dobrado, não restando a Cyrus Smith senão dar a ordem da partida.

Nesse momento, um animal pulou para dentro do cesto. Era Top, o cão do engenheiro que, tendo arreventado sua corrente, seguira o dono. Temendo o excesso de peso, Cyrus Smith queria devolver o pobre canino à terra.

— Ora! Um a mais! — intercedeu Pencroff, jogando dois sacos de areia para fora do cesto.

Logo em seguida, soltou o cabo dobrado, e o balão, ascendendo numa direção oblíqua, desapareceu, depois de bater com o cesto em duas chaminés, que, com o tranco da largada, ele derrubou.

O furacão manifestava-se então com uma violência inaudita. Sequer passou pela cabeça do engenheiro descer durante a noite e, quando o dia raiou, nuvens obstruíam-lhe toda visão da terra. Somente cinco dias mais tarde uma fresta revelou o mar sem fim que se estendia sob aquele aeróstato que o vento arrastava a uma velocidade vertiginosa!

O leitor agora já sabe o que fez com que, dos cinco homens que partiram no dia 20 de março, quatro tenham sido lançados numa costa deserta, no dia 24 do mesmo mês, a mais de dez mil quilômetros de seu país!

E aquele que faltava, que os quatro sobreviventes do balão corriam para socorrer, era o seu líder natural: o engenheiro Cyrus Smith!

4. Hiram Ulysses Grant (1822-85), três anos após comandar as tropas do Norte na guerra de Secessão (ver nota abaixo), tornou-se o décimo oitavo presidente norte-americano.

5. A guerra de Secessão, que se estendeu de 1861 a 1865, foi um conflito travado no território dos Estados Unidos, opondo a União, i.e., os estados amotinados que almejavam a independência, aos Confederados, os estados escravagistas, a maioria situada no sul do país. O cerco imposto à cidade de Richmond, na Virgínia, capital dos Confederados, começou em 1864 e representou uma reviravolta a

favor dos sulistas. Após a batalha de Appotomax, em 8-9 de abril de 1865, o general Lee e seus exércitos rendem-se à União.

Além da morte de um número indeterminado de civis, a guerra de Secessão provocou aproximadamente 620 mil baixas, 360 mil do lado dos Confederados e 260 mil do lado dos sulistas. Cerca de 26 mil franceses participaram do conflito, 40% nas fileiras dos exércitos do Norte, 60% apoiando o Sul.

6. Trata-se de Guilherme I de Orange-Nassau (1533-84), inaugurador da casa de Orange-Nassau e artífice da independência da Holanda.

7. Lista, em ordem cronológica, das batalhas travadas pelas tropas do general Grant, desde Paducah (1861) até Wilderness, na Virgínia (1864). Durante toda a guerra, o rio Potomac, fronteira entre o Norte e Sul, foi o cenário de diversos combates.

8. Jornal diário de ampla circulação na época, sua tiragem era de 84 mil exemplares em 1861. Pioneiro no uso do telégrafo na transmissão de notícias quase “ao vivo”.

9. Decerto Henry Morton Stanley, nascido John Rowlings (1841-1904), jornalista e explorador inglês, conhecido por sua expedição à África em busca do dr. Livingstone, que culmina na famosa pergunta: “Dr. Livingstone, I presume?”

10. Batalha vencida pelos exércitos da União, em 17 de maio de 1863, importante passo para o controle definitivo do rio Mississippi.

11. Petersburg, cidade fundamental para o abastecimento de Richmond, também sofreu um longo cerco (junho de 1864-março de 1865).

12. Benjamin Butler (1818-93), um dos generais dos exércitos da União, foi eleito governador de Massachusetts em 1882.

13. Expressão com que Platão definiu o homem, segundo a lenda contestada por Diógenes, o cínico, que depenou uma galinha e a apresentou ao mestre, lançando: “Aqui está o teu homem!”

3

Cinco da tarde • O ausente • O desespero de Nab •
Buscas ao norte • O recife • Uma noite triste e
angustiosa • A cerração matutina • Nab sai nadando •
Panorama do território • Travessia a vau do estreito

ATRAVÉS DAS MALHAS DA REDE, que haviam cedido, o engenheiro fora capturado pelo mar revolto. Seu cão desaparecera com ele. O fiel animal arrojara-se voluntariamente para socorrer o dono.

— Em frente! — exclamou o repórter. E todos os quatro, Gedeon Spilett, Harbert, Pencroff e Nab, alheios ao esgotamento e ao cansaço, deram início às buscas.

O pobre Nab chorava de raiva e desespero ao mesmo tempo, supondo haver perdido tudo a que amava no mundo.

Não haviam escoado dois minutos entre o momento em que Cyrus Smith desaparecera e o instante em que seus companheiros tinham alcançado a terra. Logo, nutriam a esperança de chegar a tempo de salvá-lo.

— Procuremos! Procuremos! — gritou Nab.

— Sim, Nab — respondeu Gedeon Spilett —, vamos achá-lo!

— Vivo?

— Vivo!

— Ele sabe nadar?

— Que pergunta! — respondeu Nab! — E, não se esqueça, Top está com ele!

O marujo, ouvindo o fragor das ondas, sacudiu a cabeça! Fora no litoral norte, a aproximadamente um quilômetro do local onde os náufragos acabavam de aterrissar, que o engenheiro desaparecera. Ora, se Smith

conseguira alcançar o ponto mais próximo da costa, era, no máximo, a um quilômetro que este ponto devia situar-se.

Eram perto de seis horas. A cerração acabava de descer, escurecendo ainda mais a noite. Seguindo rumo ao norte, os náufragos percorriam a costa leste daquela terra onde o acaso os lançara — terra desconhecida, cuja situação geográfica sequer suspeitavam. Pisavam um solo arenoso, crivado de pedras, aparentemente desprovido de qualquer tipo de vegetação. Desigual e acidentado, parecia, em certas áreas, uma peneira com pequenas tocas, o que dificultava muito a caminhada. Desses orifícios, invisíveis devido à escuridão, a todo instante escapavam aves gordas e pesadas, fugindo em todas as direções. Outras, mais ágeis, alçavam voo em bando e passavam feito nuvens. O marujo julgava identificar gaivotas e fragatas, cujos pios agudos duelavam com os rugidos do mar.

De tempos em tempos, os náufragos paravam e arriscavam alguns gritos, pondo-se então à espreita de uma possível resposta do lado do mar. E, de fato, tinham todos os motivos para pensar que, se porventura estivessem nas proximidades do local onde o engenheiro naufragara, os latidos de Top, no caso de seu dono não se achar em condições de dar sinal de vida, teriam chegado até eles. Porém, como nenhum outro ruído se destacava além do estrépito das ondas e da rebentação, o grupo seguia adiante, inspecionando os mais ínfimos recortes do litoral.

Após um estirão de vinte minutos, os quatro náufragos foram subitamente detidos por uma barreira espumante de ondas. O terreno sólido esboroava-se. Achavam-se na extremidade de uma ponta afilada, contra a qual o mar quebrava furiosamente.

— É um promontório — concluiu o marujo. — Temos de retroceder mantendo-nos à direita, assim alcançaremos terra verdadeiramente firme.

— E se ele estiver nessas águas! — reagiu Nab, apontando para o oceano, cujas ondas gigantes recortavam a penumbra.

— Pois bem, chamemos por ele!

E, juntando as vozes, todos puseram-se a gritar vigorosamente, mas nada lhes respondeu. Esperaram um momento. Recomeçaram. Mais uma vez, nada.

Os náufragos então retornaram pelo lado oposto do promontório, de solo igualmente arenoso e pedregoso. Pencroff, contudo, observou que aquele trecho do litoral era mais acidentado, formando um aclave, e ruminou que este devia dar acesso, por uma extensa rampa, a uma costa elevada, cuja escarpa desenhava-se confusamente na penumbra. Nessa parte da praia, as aves escasseavam e o mar se mostrava menos encapelado e estrepitoso, com uma diminuição sensível da intensidade da rebentação. Mal se ouvia o barulho das ondas. Sem dúvida, aquele lado do promontório formava uma enseada em semicírculo, protegida das correntes do largo por uma ponta adunca.

Naquela direção, contudo, os náufragos rumavam para o sul, ou seja, para o lado do litoral oposto ao que Cyrus Smith pudera alcançar. Já haviam percorrido cerca de três quilômetros e a linha da orla ainda não apresentava nenhuma curva que os reconduzisse ao norte. Tudo indicava, porém, que aquele promontório, cuja ponta haviam acabado de contornar, ligava-se à terra firme. Mesmo esgotados, os náufragos não perdiam a coragem e seguiam adiante, esperando a qualquer momento topar com algum ângulo abrupto que os levasse de volta à direção inicial.

Qual não foi então sua decepção quando, numa ponta escarpada formada por rochas escorregadias após percorrerem aproximadamente quatro quilômetros, depararam novamente com o mar!

— Estamos num recife! — exclamou Pencroff. — E o atravessamos de ponta a ponta!

A observação do marujo procedia. Os náufragos haviam sido lançados não em um continente, sequer em uma ilha, mas em um recife, que não media mais de quatro quilômetros de comprimento e cuja largura era, acabavam de constatar, irrisória.

Aquela ilhota árida, coalhada de pedras, sem vegetação, refúgio isolado de escassas aves marinhas, fazia parte de um arquipélago mais importante?

Impossível afirmar. Quando se encontravam no cesto e entreviram a terra através das brumas, os passageiros do balão não estavam em condições de calcular sua localização. Naquele momento, contudo, Pencroff, com seus olhos de marujo acostumados a devassar a escuridão, julgava de fato distinguir contornos confusos a oeste, sugerindo um litoral escarpado.

Mergulhados na escuridão, entretanto, era impossível determinar a que sistema, simples ou complexo, o recife pertencia. Da mesma forma, impossível abandoná-lo, visto que o mar o cercava. Cumpria então adiar para o dia seguinte as buscas pelo engenheiro, que, desafortunadamente, não dera sinais de vida.

— O silêncio de Cyrus não prova nada — declarou o repórter. — Ele pode estar desmaiado, ferido, momentaneamente sem condições de responder. Não é motivo para perdermos a esperança.

O repórter lançou então a ideia de acender, num determinado ponto da ilha, uma fogueira que pudesse servir de referência para o engenheiro. Mas foi em vão que cataram lenha ou arbustos secos. Era tudo areia e pedra.

Podemos imaginar a angústia de Nab e de seus companheiros, já tão afeiçoados ao intrépido Cyrus Smith, impotentes para socorrê-lo. O jeito era esperar o amanhecer. Ou o engenheiro conseguira salvar-se por conta própria e já encontrara refúgio em algum ponto da costa, ou perdera-se para sempre!

A espera foi longa e penosa. O frio era intenso. Embora sofressem cruelmente, os naufragos mal se apercebiam disso, sequer lhes passando pela cabeça tirar um instante de repouso. Esquecendo-se de si próprios, pensando no chefe, sem jamais perder as esperanças, iam e vinham naquele recife árido, retornando incessantemente à sua extremidade norte, onde presumiam estar mais próximos do local da catástrofe. Punham-se à escuta, gritavam, aguardavam uma resposta tranquilizadora, e suas vozes deviam reverberar longe, pois certa calma reinava então na atmosfera e o barulho da rebentação começava a diminuir com a virada da maré.

Um dos gritos de Nab pareceu inclusive, num determinado momento, produzir certo eco. Harbert apontou o fato para Pencroff, acrescentando:

— Isso comprovaria a existência de um litoral bem próximo, a oeste.

O marujo fez um sinal afirmativo. Aliás, seus olhos nunca o enganavam. Se ele intuía uma terra, era porque terra havia.

Esse eco distante, porém, foi a única resposta obtida pelos gritos de Nab, e a imensidão, por toda a extensão leste do recife, permaneceu silenciosa.

Nesse ínterim, o céu abriu. Em torno da meia-noite, algumas estrelas luziram e, se estivesse ali, junto aos seus companheiros, o engenheiro teria observado que aquelas estrelas não eram mais as do hemisfério boreal. Com efeito, não se via a polar¹⁴ naquele novo horizonte e as constelações zenitais não eram mais as que ele estava habituado a detectar no hemisfério norte do novo continente: o Cruzeiro do Sul é que resplandecia no polo austral do mundo.

A noite se foi. Por volta das cinco da manhã do dia 25 de março, as camadas superiores do céu ganharam tons suaves. Embora o horizonte continuasse mergulhado na escuridão, com a chegada da manhã uma neblina opaca levantou-se do mar, de maneira que o campo visual não ia além dos sessenta metros. A cerração desmembrava-se em grossas volutas, que se deslocavam pesadamente.

Isso representava um grande contratempo para os náufragos, incapazes de discernir qualquer coisa à sua volta. Enquanto os olhares de Nab e do repórter esquadriavam o oceano, o marujo e Harbert procuravam o litoral que deveria existir a oeste. Mas não avistavam um palmo de terra.

— Não interessa — disse Pencroff —, se não vejo terra, sinto-a... Está ali... ali... Isso é tão certo quanto não estarmos mais em Richmond!

A névoa, contudo, não demoraria a se dissipar. Não passava de uma cerração de tempo bom, pois um belo sol aquecia a atmosfera e seu calor fluía até o recife.

Com efeito, por volta das seis e meia, quarenta e cinco minutos após o nascer do sol, a névoa começou a se dissipar. Compacta nas alturas, despedaçava-se embaixo. Dali a pouco, como se descida de uma nuvem, a ilha surgiu e logo em seguida o mar descortinou-se qual um plano circular,

infinito a leste, porém a oeste interceptado por uma costa elevada e íngreme.

Sim, lá estava a terra, a salvação garantida ao menos provisoriamente! Entre o recife e o litoral, separados por um canal com oitocentos metros de largura, uma corrente vertiginosa fluía estrepitosamente.

Um dos naufragos, porém, sem pedir a opinião dos companheiros ou pronunciar qualquer palavra, ouvindo apenas o próprio coração, atirou-se irrefletidamente na correnteza. Era Nab. Ansiava por alcançar aquele litoral e subi-lo rumo ao norte. Ninguém conseguiu contê-lo. Pencroff chamou por ele, em vão. O repórter já ia atrás dele, quando Pencroff o interpelou:

— Pretende atravessar o canal?

— Sim — respondeu Spilett.

— Ora, espere um pouco e confie em mim — aconselhou o marujo. — Nab dará conta de socorrer seu patrão. Entrando neste canal, corremos o risco de ser tragados pela correnteza, extremamente violenta, e lançados no mar aberto. Ora, ou eu muito me engano ou isso é um refluxo da vazante. Veja como a água descobre a areia. Um pouco de paciência. Com a maré baixa, poderemos atravessar a vau.

— Tem razão — concordou o repórter. — Devemos nos esforçar para permanecer juntos.

Enquanto isso, Nab pelejava contra a correnteza, tentando atravessá-la obliquamente. Com os ombros negros emergindo a cada braçada, embora arrastado à revelia, avançava cada vez mais em direção à costa. Levou mais de meia hora para transpor os oitocentos metros que separavam o recife da costa, só vindo a pisar em terra num ponto centenas de metros além daquele frontal ao ponto de que partira.

Saindo da água no sopé de um elevado paredão de granito e se sacudindo vigorosamente, Nab, sem perder um segundo, sumiu atrás de uma ponta rochosa que se projetava no mar, mais ou menos na altura da extremidade setentrional da ilha.

Fora com imensa angústia que os companheiros de Nab haviam acompanhado sua audaciosa tentativa, e, quando ele saiu de seu campo de visão, seus olhares voltaram-se para a terra à qual iam pedir refúgio. Aproveitaram para comer alguns mariscos encontrados na areia, refeição magra, mas refeição.

O litoral à sua frente formava uma vasta baía, terminada, ao sul, numa ponta árida e selvagem, desprovida de toda vegetação e com aparência bastante agreste. Essa ponta vinha juntar-se ao litoral por uma espécie de arco granítico, formando um desenho extravagante. Na direção norte, ao contrário, a baía, alargando-se, apresentava uma costa mais abaulada, que corria de sudoeste para nordeste e terminava num cabo afilado. Entre esses dois pontos extremos, nos quais se assentava o arco da baía, a distância podia ser de doze quilômetros. A oitocentos metros da praia, o recife ocupava uma estreita faixa de mar e lembrava um imenso cetáceo, cuja carcaça ampliada ele representasse. Sua largura máxima não ultrapassava quatrocentos metros.

Na parte frontal ao recife, o litoral compunha-se, no primeiro plano, de uma praia de areia fina, semeada por rochas escuras, que, naquele momento, afloravam pouco a pouco junto com a maré vazante. No segundo plano, destacava-se uma espécie de cortina granítica talhada na vertical e coroada, a pelo menos cem metros de altura, por um topo irregular. Corria assim por uma extensão de cinco quilômetros, terminando abruptamente à direita num lanço uniforme, que julgaríamos modelado pela mão do homem. À esquerda, ao contrário, acima do promontório, essa espécie de penhasco irregular decompunha-se em estilhaços prismáticos e espalhava-se em aglomerados de seixos e entulho, descendo e formando uma rampa alongada que se confundia gradualmente com os rochedos da ponta meridional. No planalto que acompanhava o litoral, não havia uma só árvore. Tratava-se nitidamente de uma mesa, igual à que domina a Cidade do Cabo, no cabo da Boa Esperança, embora em proporções menores. Era isso, em todo caso, que viam a partir do recife. Todavia, à direita, atrás da aresta lisa, a vegetação estendia-se exuberante, alegrando o olho

profundamente entristecido pela contemplação das linhas ásperas do paredão granítico.

Por fim, bem ao fundo e mais elevado que o planalto, na direção noroeste e a uma distância mínima de doze quilômetros, resplandecia um pico branco golpeado diretamente pelos raios de sol. Era um chapéu de neve, coroando algum monte distante.

Impossível, portanto, decidir se aquela terra formava uma ilha ou se pertencia a um continente. Por outro lado, vendo as rochas convulsionadas aglomeradas à esquerda, um geólogo não teria hesitado em lhes atribuir origem vulcânica, pois eram incontestavelmente produto de um trabalho plutônico.

Gedeon Spilett, Pencroff e Harbert observavam atentamente aquele território, onde talvez viessem a viver longos anos, onde talvez inclusive viessem a morrer, caso ele não se encontrasse na rota dos navios!

— Muito bem! — exclamou Harbert. — O que acha, sr. Pencroff?

— Como em tudo, vejo coisas boas e coisas ruins — respondeu Pencroff.— Esperemos. A vazante já se manifesta. Dentro de três horas poderemos tentar a travessia e, uma vez do outro lado, colocaremos a cabeça no lugar e encontraremos o sr. Smith!

Pencroff não se enganara em suas previsões. Três horas depois, com a vazante, ficou exposta grande parte da areia que formava o leito do canal. Entre o recife e o litoral havia apenas uma passagem estreita, sem dúvida fácil de atravessar.

Com efeito, em torno das dez horas, Gedeon Spilett e seus dois companheiros despiram-se, fizeram uma trouxa com as roupas e, com elas nas cabeças, aventuraram-se pelo canal, cuja profundidade não ia além de dois metros. Harbert, que não pisava mais o fundo, saiu nadando como um peixe e seu êxito foi completo. Os três chegaram sem dificuldades ao litoral oposto, onde, após secarem-se ligeiramente ao sol e tornarem a vestir suas roupas, que haviam isolado do contato com a água, conferenciaram.

14. Uma estrela polar é um astro que, por situar-se no alinhamento do eixo de rotação da Terra, é usado como referência para cálculos de localização. A alusão, nessa passagem, é à estrela polar do hemisfério norte, pertencente à constelação da Ursa Menor.